

BURTON NA ÁFRICA

Fernando PADOVANI *

“...yo soy aquel para quien están guardados los peligros”.

(M. Cervantes, *Don Quixote*)

RESUMO Richard Francis Burton (1821-1890), foi um dos maiores e mais polêmicos exploradores britânico do continente africano. Oficial da *East India Company*, explorador da *Royal Geographical Society* e diplomata do *Foreign Office* britânico, esteve na vanguarda das forças de ocupação colonial da Índia e foi figura pioneira no processo de exploração da África. Percorreu e fez observações pioneiras em várias regiões do continente como o interior da Abssínia, na região do lago Tanganyka, no Daomé, no litoral do Golfo da Guiné e até ao Congo e Luanda. Mas, diferentemente de seus contemporâneos exploradores, teve peculiaridades especiais: o foco de suas observações e extensos escritos foram os aspectos culturais das populações locais. Tradutor e poeta, foi um dos pioneiros da relativização cultural, questionando sua própria cultura e seus projetos. Talvez por essa razão, foi um autêntico outsider em seu tempo e polêmico na posteridade. Esta dualidade de visões, maldito e idealizado, entre várias razões, talvez também possa ser atribuída pela própria impossibilidade de se vivenciar aventuras autênticas em nosso tempo.

Palavras-chave: Richard Francis Burton; Viajantes; Exploradores britânicos; África

O interesse pelas explorações geográficas no século 19 era imenso. Elas conseguiam mobilizar amplamente os recursos, as paixões, a imaginação e a opi-

(*) UniverCidade. Rio de Janeiro. Brasil.

não pública da época. Suas histórias multiplicavam as vendas dos jornais e os exploradores eram os heróis de uma aventura coletiva vivida pela era vitoriana. Nesse momento, cada país, certas províncias e até as principais cidades possuíam a sua “Sociedade Geográfica”. Eram todas extremamente atuantes, financiando e organizando explorações e descobertas pelos quatro cantos do redondo planeta. Esse interesse, muito animado por uma certa euforia iluminista e científica, tinha também uma vertente político estratégica importante: conhecer era o primeiro passo para conquistar. Por outro lado, também no plano material, a economia de mercado ocidental demandava expansão para novos mercados. Não é de se estranhar que, especialmente durante a segunda metade do século 19, havia exploradores europeus em todas as áreas em branco do *mapa-mundi* que, aliás, não eram poucas.

Um século de expansão, um século de encontros. A economia ocidental do século 19 chegava ao apogeu do *boom* secular iniciado na Revolução Industrial. Baseada tecnologicamente na produção fabril, no aço e vapor, fazia então da contínua expansão seu *modus operandi* e da circulação global, peça fundamental de sua lógica de funcionamento. Por sua vez, a contínua expansão geográfica criava, pela primeira vez na História, um sistema econômico realmente de alcance planetário, com a Inglaterra no seu centro. Acumulação e expansão geográfica de mercados, assim, mantinham uma relação de mútua dependência, o que era fundamental para o funcionamento do sistema.

As inovações tecnológicas nos transportes e nas comunicações verificadas então, bem como as reformas institucionais liberalizantes ocorridas em escala mundial, constroem um ambiente de *laissez faire* de dimensões planetárias, no interior do qual circulavam homens, capitais, máquinas, artefatos, idéias, doenças, *steamships* e até, depois de 1864, proletários do mundo¹.

Nesse momento, os navios a vapor britânicos já dominam os oceanos, as ferrovias e suas locomotivas a vapor já começam a interligar os continentes. A primeira ferrovia na Índia começa a ser instalada em 1853 e em 1872 Bombaim e Calcutá estão unidas por via férrea. A ferrovia transcontinental dos Estados Unidos é concluída em 1869, ano em que também o Canal de Suez é aberto à navegação. Em 1866, é lançado o primeiro cabo submarino transatlântico. É no interior deste ambiente de crescente interdependência e de fé inabalável nas conquistas da ciência e do capital que Philleas Fogg pode viajar ao redor do mundo em 79 dias, carregando consigo apenas 2 camisas, 3 pares de meia e 1 cobertor. O dinheiro, podia retirar nas sucursais bancárias ao longo do caminho e, nas fronteiras, precisava apresentar tão somente seu cartão de visitas². Como

(1) Em 1864, é realizada em Londres a “Primeira Internacional Socialista”.

(2) A obra de Júlio Verne é ambientada em 1872.

resultado, entre 1800 e 1880, a superfície terrestre do planeta ocupada ou controlada por europeus passa de um terço para três quartos³.

E nesse movimento de expansão, alguns pedaços de planeta surgem como um verdadeiro desafio para a odisséia mercantil do Ocidente. É o caso da África, continente que parece ser a sede da Natureza e do desconhecido por excelência. Como na alegoria de Leopardi, o viajante setentrional em fuga vai até o lugar mais afastado e inóspito que pode imaginar, uma região africana inteiramente inexplorada. Na sua busca de isolamento, acaba ficando frente a frente com a Natureza em pessoa, representada pela figura de uma mulher, uma imensa estátua de pedra de rosto africano⁴. Impiedosa, perigosa e desconhecida, a misteriosa dama africana permanecia, até essa época, totalmente intocada, e as tentativas de aproximação eram duramente sancionadas por tragédias, doenças, feras e fantasmas, as ruínas. "*Nature herself had tried to ward off intruders*", também assinala J. Conrad ao tentar descrever uma terra africana onde, rio acima, bem no coração das trevas, "a vegetação amotinava-se", assumindo a forma de nada menos que um planeta desconhecido, de tão incompreensível⁵.

Para tais perigos havia, então, apenas uma solução: a racionalidade deveria ser aplicada como antídoto⁶. Um "tratamento" necessário pois, ao mesmo tempo, esse mesmo continente tão temido permaneceria sempre como uma tentação para os interesses do Ocidente, oferecendo mercados prontos para absorver bens de capitais em grande escala e prontos para ofertar matérias-primas valiosas como o óleo de palma, algodão, amendoim, as especiarias, marfim e ouro.

Por todas essas razões e seduções, exploradores europeus começam a percorrer o continente desde o início do século, tentando localizar suas riquezas, decifrar seus povos e catalogar seus mistérios. Do ponto de vista do etnocentrismo historiográfico, partiam para fazer "descobertas", mesmo que essas descobertas que não fossem descobertas⁷. Mungo Park parte para determinar o curso do rio Níger, entre 1795 e 1805. Logo depois, Robert Adams excursiona também pelo vale do Níger até ser levado como prisioneiro para Timbuktu. James Riley também alcança a mítica Timbuktu, em 1815. Alguns anos mais tarde, em 1819, Bowdich é o primeiro a chegar a Kumasi, a capital proibida dos Ashantis.

(3) Como lembra Paul Kennedy, 1998.

(4) Nas suas *Operette Morali*, 1952; citado por Flora Süssekind, 1990.

(5) No seu clássico *The Heart of Darkness*, 1902.

(6) na imagem de Mazrui.

(7) Como lembra Mazrui, em 1969.

Em 1828, o francês René Caillé sai da costa da Guiné, passa também por Timbuktu, e atravessa o deserto para chegar em Tânger. Somente em 1831, John Lander consegue navegar o tramo final do Níger, entre Badagry e sua foz. Em 1848, o alemão Johan Krapf é o primeiro ocidental a ver o Kilimandjaro. Em 1853, Livingstone desce o Zambeze e chega a Vitória Falls. Em 1854, Barth completa sua travessia do Saara. Na década de 1860, Livingstone, já em companhia de Stanley, exploram a parte austral do continente, conseguindo atravessá-lo de costa a costa. Na mesma época, Samuel Baker retoma a busca pelas nascentes do Nilo⁸.

Todos esses exploradores enfrentaram todo um repertório de dificuldades infernais, representadas pela geografia, pelo clima ou pelas doenças. E também pelos povos locais encontrados pelo caminho, os quais, aliás, jamais foram vistos de maneira diferente, apenas como mais um aborrecimento de percurso, como os insetos, as feras, a ferrugem ou o bolor. Ademais, lembre-se, a grande popularidade dos relatos de viagem conhecida durante o Romantismo (ajudada, além dos relatos de exploradores, por escritores-viajantes como Goethe, Byron, Shelley, Keats ou Wordsworth), baseava-se e difundia uma visão exclusivamente naturalística, paradisíaca, atemporal, impessoal dos territórios visitados. As populações humanas, nesse contexto, eram literalmente detalhes da Natureza, partes da paisagem. Seus relatos eram enciclopédicos, classificatórios, taxionômicos, e versavam sobre a botânica, a zoologia, a geografia, a topografia, enfim, exclusivamente sobre a História Natural⁹.

Há uma história infinitamente recontada sobre o caráter imperial das explorações europeias na África, efetuadas durante o século 19, e sobre como elas foram o prenúncio da anexação colonial do continente. Dos empórios comerciais costeiros, inúmeros exploradores são lançados para o interior desconhecido, numa missão iluminista de exploração, conhecimento, descrição e mapeamento. Logo em seguida viriam os missionários na sua “santa missão civilizadora”, e ainda os soldados, os funcionários e os colonos, completando o ciclo da dominação territorial. Era exatamente isso que fazia o Kurtz de Conrad, lançado bem longe, rio acima, floresta adentro, armazenando marfim e explorando para a “Sociedade para a Supressão dos Costumes Selvagens” até, literalmente, “tomar assento entre os demônios do país”¹⁰. Paul Kennedy¹¹ assinala que esse “impacto do homem ocidental” foi justamente um dos elementos mais característicos de todo o século 19.

(8) Segundo HUGON, Anne, 1994 e Ch. HIBBERT, 1982.

(9) Ver BRANTLINGER, 1985, PRATT, 1992, MAZRUI, 1969 e SAID, 1994.

(10) Seguindo ainda *O Coração das Trevas*.

(11) KENNEDY, Paul, 1998.

A historiografia contemporânea, no mesmo sentido, tem sentenciado e constantemente reiterado o papel histórico dos personagens humanos envolvidos nesse processo histórico, a começar pelos exploradores: meros “agentes do imperialismo”. Coerentemente com seu papel histórico, estes personagens nunca nutriram algo melhor do que um profundo desprezo pelos povos locais, sentimento assentado em concepções racistas vigentes na época, o que, aliás, ajudava a legitimar o processo de colonização dos “selvagens”.

Esta reiteração tem dominado o discurso histórico nas últimas décadas com o encantamento próprio das novas verdades descobertas. Nelas, seus personagens tem sido reclassificados para os seus devidos lugares. “Odeio as viagens e os exploradores”, a célebre frase de Claude Lévi-Strauss, escrita em 1955, bem anuncia o tom de uma época. Mas, se necessário numa determinada fase, este discurso de denúncia pode já parecer às vezes estar girando sobre o mesmo ponto, repetitivo e redutor. Num refluxo, novas perspectivas se abrem, deixando-nos entrever outras interessantes histórias. Poucas, é bem verdade. Mas que por isso mesmo, merecem ser contadas.

É o caso de um dos maiores exploradores britânicos do continente africano, que tem uma trajetória no mínimo peculiar. O inglês Richard Francis Burton percorreu quase todo o continente africano, ao longo de várias viagens realizadas entre 1851 e 1878, e está entre os principais nomes da exploração africana, ao lado de Livingstone, Mungo, Speke e Baker. Foi um homem da sua época, totalmente. Foi quase um prisioneiro da sua época, e de suas visões e projetos. Como todos nós, aliás. Da mesma maneira que todos os exploradores de sua época, sem exceção, todos foram animados por uma visão iluminista, racista e imperialista do resto do planeta. O exemplo de Francis Galton é sempre uma amostra interessante disso. Em 1872, este administrador da Sociedade Geográfica de Londres escreve um manual prático para viajantes em terras exóticas que, na época, se torna rapidamente um *best seller*¹². A maneira como os “povos indígenas e selvagens” são ali tratados chega a ser perturbadora. E com tal intensidade que, se pensarmos nos termos da “longa duração” braudeliana, é difícil crer que mudanças substanciais tenham de fato sido possíveis.

Mas assim caminhavam os exploradores vitorianos da época, movidos pelo entusiasmo científico e racionalista de descrever e catalogar o mundo, pela missão civilizadora que acreditavam portar para as selvagens latitudes, como também pelos benefícios econômicos e geopolíticos que poderiam advir de suas descobertas. A somatória de todos esses caminhos individuais conduziram, de uma maneira ou de outra, para o colonialismo e para a partilha da África.

(12) *The Art of Travel*, 1872.

Como todos esses os seus companheiros de século, Richard Burton foi navegante deste movimento imperial de descoberta do outro e, por isso, foi repetidas vezes classificado como racista e como mais um ardente advogado do imperialismo britânico. Brantlinger, uma referência recorrente para a análise do mito ocidental a respeito do “continente selvagem”, enquadra Burton num lugar privilegiado desse projeto de conquista. É apontado como um dos agentes mais qualificados desse projeto, pois suas expedições seriam motivadas diretamente pela necessidade britânica de aumento de seus domínios territoriais. Até seu biógrafo Edward Rice “relê” a vida de Burton em função das motivações impostas pelo seu papel de importante agente secreto do processo de conquista britânica do mundo. Como nota, e isso não poderia ser mera coincidência, todos os lugares por onde Burton viajou, foram logo mais incorporados ao império britânico.

Toda uma série de referências biográficas parecem não deixar margem para dúvidas. Nem mesmo a sua participação na criação da Sociedade Antropológica de Londres é poupada, sendo vista por alguns historiadores como uma iniciativa racista, em virtude das posições de outro polêmico membro fundador, James Hunt. Outros viram em seus comentários sobre a cultura africana apenas uma série de estereótipos negativos (preguiça, covardia, roubo), sem nunca realmente tentar compreender estas culturas. Seu interesse pela esfera íntima das culturas já foi visto simplesmente como “desvio sexual”. Como foi dito pelos seus contemporâneos, “alguém tão interessado no estudo dos vícios, vicioso deve ser...”. Da mesma maneira, seu materialismo e ateísmo foram utilizados para classificá-lo como “um típico darwinista vitoriano”. Como tradutor foi criticado por querer ocidentalizar as obras nativas e até Manuel Bandeira, quem diria, não o perdoou por prestar mais atenção às bonitas mineiras do que às igrejas barrocas de Ouro Preto¹³.

Mas o curioso é que, mesmo assim, um interessantíssimo personagem pode ser descoberto sob esta grande máscara colonialista. Ali está, sem dúvida, o último e o mais célebre dos “*gentleman adventurer*” ingleses. E também talvez um personagem sem paralelos, no seu tempo e depois, do célebre Raleigh, o poeta aventureiro do Orenoco, até T. E. Lawrence, da Arábia. Um personagem de romance, literalmente, retratado por Kipling, em “Kim” e em vários outros contos, como o personagem Strickland. Mas ao mesmo tempo, polêmico e paradoxal, foi um personagem desprezado pelo seu tempo, maldito entre seus contemporâneos. Classificado como extremamente “un-English”, “imagem demoníaca”, “animal sob demoníaco disfarce”, brincou escandalosamente com o exótico, com o erótico e com o místico. Conta uma das muitas lendas que o cercam que, após

(13) No seu *Guia de Ouro Preto*.

a sua morte em Trieste, mesmo cônsul e *Sir*, seu corpo teria regressado para a Inglaterra enviado numa simples caixa de piano. Em Londres, a polêmica prossegue. Qualificado como "*totally unfit*", é impedido de ser sepultado na abadia de Westminster, a exemplo do que acontecera com o seu célebre contemporâneo Livingstone.

Um personagem complexo. Excessivo, segundo Borges. Continha em sua personalidade os paradoxos de seu século, todos, os trágicos e os belos. Ao mesmo tempo, seus feitos pareciam transbordar os limites da vida de um só homem e sua vida parecia conter o próprio século. Parece ter estado em todos os eventos fundamentais do seu século. "*A wider soul than the World was wide*", como o definiu seu grande amigo e poeta Swinburne, coerente com um de seus próprios lemas pessoais, citado num poema da maturidade:

*cada homem deve conter a Humanidade inteira dentro de si
mesmo porque os deuses estão em silêncio*¹⁴.

Seus paradoxos foram muitos. Explorador, esteve sempre muito mais interessado em povos e religiões do que propriamente na "mera geografia", como ele mesmo dizia. Estudou profundamente todas as religiões que conheceu, se iniciando até em várias delas mas, entretanto, era um ateu convicto, darwinista fervoroso e profundamente anticlerical. De fato e na prática, foi um agente dos interesses nacionais ingleses, embora sistematicamente se pronunciasse abertamente contra o governo britânico. "A Índia", costumava dizer, "foi conquistada *apesar* da Inglaterra". Homem da conservadora sociedade vitoriana, traduziu, publicou e foi um dos grandes especialistas da *ars erotica* de seu tempo. Atuando como espião juntos aos povos nativos, acabou por se aproximar tanto deles que se transformou espiritualmente, demoniacamente como diria Conrad, num deles, num caso clássico de conquistador conquistado. Era capaz de exercitar como mais ninguém em sua época a tão moderna "relativização cultural", enaltecendo os costumes, o refinamento e a sabedoria dos povos "selvagens", contrastando-as com o "primitivismo" de vários elementos da cultura ocidental e britânica, em especial. Postura que viria a ter paralelo apenas nos trabalhos etnográficos do século 20¹⁵. Repetidas vezes assinalava como os povos africanos tratavam o es-

(14) em *Kasida*, 1880.

(15) Significativamente, Burton é um dos fundadores, ao lado do polêmico James Hunt, do instituto que viria a ser o embrião da atual Real Sociedade Antropológica Britânica, então com o objetivo explícito de "...dar a oportunidade de divulgação para as observações e informações dos viajantes sobre questões sociais e sexuais".

trangeiro, leia-se diversidade, com muito mais receptividade e interesse que muitas regiões da “civilizada” Inglaterra ou da “iluminada” Escócia. Muitas vezes, a sua constante admiração pelas culturas com que conviveu, mesmo que aqui e ali pinçada por desprezo pelos homens concretos, se concretizou na seleção, organização e tradução para o inglês de peças únicas, literárias, religiosas e filosóficas, desconhecidas no Ocidente.

Como oficial da *East India Company*, como explorador da *Royal Geographical Society* ou como diplomata do *Foreign Office* britânico, Burton esteve na vanguarda das forças de ocupação colonial da Índia, foi figura pioneira no processo de exploração da África, atravessa o velho oeste americano de diligência, em plena corrida do ouro, vai a Guerra da Criméia e aos campos de batalha da Guerra do Paraguai, visitando a famosa fortaleza de Humaitá e a Assunção recém-abandonada por Solano Lopez. Pelo Brasil, empreende uma viagem exploratória de canoa por cerca de 2.500 km, entre Januária e Piaçabuçu, visitando lugares como Bom Jesus da Lapa, Xique-Xique, Paulo Afonso ou a Chapada Diamantina.

Este personagem paradoxal do século 19 nasce em Torquay, Inglaterra, em 19 de março de 1821. Seguindo o pai militar, passa a infância mudando-se de cidade em cidade, crescendo basicamente fora da Inglaterra e vivendo em vários lugares da França e da Itália, como Tours, Blois, Pau e Pisa, Siena e Nápoles. Vai estudar em Oxford e ali fica apenas dois anos, até ser expulso do tradicional *Trinity College*, devido ao seu temperamento rebelde e desafiador.

Aos 21 anos, entra para o exército britânico na Índia, à serviço da *The Honourable East India Company*. Chega a Bombay em 1842, para servir numa região que apenas começava a ser ocupada militarmente pela Companhia, antes mesmo de ser formalmente anexada como colônia¹⁶. A fronteira oeste era então “o ponto mais vulnerável do Império”¹⁷, por não estar sob controle britânico, expondo o subcontinente indiano a invasões da Ásia Central, Pérsia e sobretudo ao avanço da Rússia.

Serve na Índia durante 7 movimentados anos, entre os 21 e 29 anos de idade. Além de Bombaim, serve também em Karachi, ao se engajar nos levantamentos geográficos da *India Survey*, sob o comando de Charles Napier. Vai ser

(16) Naquele ano de 1842, 16 mil soldados do *Indian Army* haviam sido mortos no *Khyber pass*, durante a trágica “retirada de Kabul”; seria apenas uma década mais tarde, em 1858, que a Coroa britânica anexaria a Índia como colônia, em decorrência do famoso motim ocorrido no *Red Fort* de Delhi e, também, das necessidades impostas pela crise do algodão americano de 1850.

(17) Como diagnóstica Karl Marx em artigo publicado no *New York Herald Tribune*, em 24 de junho de 1853.

durante o tempo em que passa em licença médica em Goa que vai ter a oportunidade de se aproximar definitivamente da obra daquele que viria a ser o seu grande herói, “meu mestre”, Luís de Camões, poeta, viajante e soldado que, exatamente em Goa, havia começado a escrever o seu “Lusiadas”¹⁸.

Na Índia, continua a desenvolver seus incríveis talentos linguísticos, aprendendo hindustani, gujarati, punjabi, pashtu e persa, línguas para as quais foi nomeado intérprete oficial, além de árabe e sânscrito. Chega a passar 12 horas diárias estudando línguas. Até o final de sua vida, iria passar por muitos idiomas, podendo “sonhar em 17 línguas”, como diria Borges, mas chegando a poder se comunicar razoavelmente em mais 18 outras. Mas, mais importante que o aspecto quantitativo, quase anedótico para qualquer ser humano, o admirável em Burton era que o conhecimento das línguas foi o caminho para franquear a gramática de cada uma dessas culturas, para a vivência íntima dos costumes, da literatura, da sabedoria, da religião e até das práticas sexuais de cada povo, “vivendo” cada língua.

Foi esse mergulho nas culturas que permitiu, na Índia, o estudo profundo do bramanismo e a recuperação de manuscritos em sânscrito para que pudesse definir uma edição padrão, com a ajuda de sábios de Varanasi, para, então, traduzir para o inglês pela primeira vez a milenar obra “*Kama Sutra*”, de Vatsayana. Burton não apenas traduz mas, sobretudo, “descobre” o “*Kama Sutra*” para o Ocidente. Também foi um mergulho linguístico no persa e no árabe que iria abrir caminho para uma profunda admiração pelo islamismo, em especial pelo sufismo. Também iria criar as condições para a realização da maior obra de sua vida, reunir, organizar e traduzir a versão mais completa de “O Livro das Mil e Uma Noites”. Jorge Luís Borges dizia que sua extensiva tradução de 10 volumes, com mais 6 volumes de notas explicativas, parecia uma versão traduzida e comentada diretamente pelo próprio Simbad o Marujo.

Enfim, os disfarces. Era essa incrível capacidade de se transmutar para o Outro, de viver outras vidas, essa “paixão das inúmeras maneiras de ser um homem”, segundo Borges, que lhe permite um insuperável talento para o disfarce. Embora seja preciso reconhecer que o termo disfarce é bastante limitado para descrever a completa transformação e imersão que Burton experimentava nas culturas locais. Em Amritsar, passou 11 dias disfarçado de *fakir*, nos portões da cidade sagrada dos sikhs, levantando informações sobre os movimentos revoltosos. Ali chegou a ser respeitado como habilidoso encantador de serpentes. Por

(18) Também é em Goa que se passa a impagável história, na qual tenta seqüestrar um jovem freira de um convento, durante uma madrugada, e termina por arrastar, por engano, a madre superior, obrigando-o a deixar a cidade e a licença.

vezes, perambulou por semanas pelos vilarejos do vale do Indus como *sadhu*, acumulando informações, seja sobre falcoaria, sobre a origem dos ciganos¹⁹ ou levantando “inteligência” para a anexação do Punjab, que estava em preparação. Nesses momentos, não era reconhecido pelos seus superiores nem pelos seus colegas mais próximos.

Em Karachi, foi designado para investigar o tráfico humano para os bordéis da cidade. Para isso, como de outras vezes, se transformou em mercador nativo, mantendo três bancas no *bazaar* local para obter informações. Seu relatório sobre o tema, foi tão detalhado no que se refere às práticas sexuais locais, que chocou os oficiais vitorianos. Mas, mais problemático ainda, foi o fato de apurar que, entre os principais clientes da prostituição masculina da cidade, constavam oficiais britânicos. O relatório foi imediatamente engavetado. Mas, curiosamente, acabou sendo despachado por engano para a Nova Delhi, entre outros documentos. O autor do “informe” tornou-se pessoa não grata no Hindustão, sendo logo “dispensado”²⁰.

Diante de tais circunstâncias, o capitão Burton começa então a deslocar o foco de seus talentos e suas energias sobre o universo árabe. Oferece seus serviços à *Royal Geographical Society* e parte para a península arábica. Em 1853, disfarçado como médico afegão, entra em Mecca, centro espiritual do Islam, totalmente vedado a não-muçulmanos, chegando mesmo a entrar na Kaaba e a beijar a Pedra Negra, numa aventura que lhe traria grande celebridade. Mas seria ali, dentro da esfera de influência do mundo árabe e às margens do mar Vermelho, que Burton vai então conhecer a África. Estava abrindo um novo e imenso capítulo em sua vida.

O IMPACTO DA ÁFRICA

Em 1854, no sexto dia de Safar, de acordo com as tradições islâmicas, o dia mais auspicioso para se iniciar uma viagem²¹, Richard Burton deixa Aden e cruza o mar Vermelho em direção ao “chifre da África”, ao porto somali de Berbera. Vai acompanhado por três oficiais, entre eles, John Speke. O porto de Berbera, segundo Burton, era a chave verdadeira para o mar Vermelho pois, além de ser o

(19) Burton é o primeiro estudioso a coletar, no terreno, indícios concretos de que os ciganos da Europa eram originários da Índia.

(20) E o polêmico “relatório de Karachi”, uma das peças mais procuradas da história colonial britânica...

(21) Segundo a tradição, teria sido nesse dia e mês que o Islam teria emergido das trevas. No calendário ocidental, 28 de outubro.

centro do tráfico da África oriental, era o ponto mais seguro para aportar entre Suez e o cabo Gardafui.

Além disso, Berbera era a porta de entrada para a cidade proibida de Harar, o único assentamento permanente no interior, o mais importante *emporium* de café e centro do tráfico de escravos africanos para a Arábia. Era a homóloga oriental da mal afamada Timbuktu, na África ocidental. Era sobretudo, como Burton bem sabia, a quarta cidade sagrada do Islam, depois de Mecca, Medina e Jerusalém, e dona de 99 mesquitas.

Com o financiamento e o apoio direto da *East India Company*, da “Sociedade Geográfica de Londres”, do governador-geral da Índia, lorde Elphinstone, e sobretudo da Marinha da Índia²², Burton adentra sozinho o continente, com a missão de explorar o interior da Abissínia, região que até então dispunha apenas de descrições vagas, sendo totalmente considerada como *terra incognita*. O objetivo era reunir informações necessárias para viabilizar o estabelecimento de um posto avançado na costa da Somália. Será o primeiro ocidental a entrar e a sair vivo da capital islâmica da Abissínia, Harar.

Disfarçado de mercador árabe, Burton atravessa os áridos territórios carregado de mercadorias, tecidos e tabaco, levando como “instrumento” apenas uma bússula de bolso, a *dayrah* árabe, enfrentando vários desafios, como a constante tarefa de afugentar os leões que infestavam a região. Na travessia, faz preciosas observações de ordem cultural, como sobre o sincretismo do Islam entre as populações locais, sobre a importância da poligamia para aquelas culturas, ou sobre quão rápido as notícias do mundo transmitidas de boca em boca se espalham por aquelas paragens. Estuda as práticas da excisão e da infibulação, as mutilações sexuais femininas praticadas na Abissínia e em muitas regiões do continente e, ao mesmo tempo, não lhe escapa que, apesar da grande liberalidade das mulheres no país, especialmente com os estrangeiros, o beijo era algo totalmente desconhecido em todo aquele território.

Depois de passar dez dias na cidade proibida de Harar, sendo recebido pelo Emir local, inicia outra longa travessia de volta em direção à costa, com o suprimento de apenas cinco biscoitos e uma garrafa d’água. Depois de finalmente chegar à costa e reencontrar seus companheiros de exploração, o acampamento do grupo plantado numa calma praia de Berbera é alvo de um ataque

(22) A *Indian Navy* tem papel fundamental nas explorações da primeira metade do século 19. Todas as pioneiras explorações do Oriente foram efetuadas por seus oficiais, como os mapeamentos de Robert Moresby, a viagem até o rio Oxus do tenente Wood e as primeiras expedições pelo Afeganistão efetuadas por sir *Sikander Burnes*, o mesmo explorador que entraria em Bukhara que, mais tarde, seria morto em Kabul, em 1842.

noturno. Um oficial é morto, Speke recebe onze ferimentos e Burton tem a sua face atravessada por uma lança, o que o tornará para sempre, segundo Borges, “*el caballero con la cara historiada por una cicatriz africana*”.

Mas é por ocasião das andanças pela Abissínia e por Harar, a mesma por onde, 25 anos mais tarde, o poeta Rimbaud iria “se perder” como contrabandista de armas, que Burton se dá conta de que reunia informações suficientes, oriundas da observação do terreno, das informações dos mercadores árabes de escravos que percorriam a região e do seu conhecimento de velhos manuscritos árabes e portugueses²³, para tentar solucionar o maior mistério geográfico daquela época: a localização das nascentes do rio Nilo. Este enigma instigava a cultura ocidental desde a Grécia antiga, como demonstram as especulações de Claudius Ptolemeu. Como o capitão Burton assinala, “...repetidas vezes em Zeilah e Harar, ouvi mercadores contarem que, à oeste, numa jornada de 15 estágios, estavam as nascentes do grande Abbay (o Nilo Azul), e alguns confirmaram que os dois braços do rio nasciam nas mesmas montanhas”, as montanhas da Lua²⁴.

Burton não quer perder tempo e decide por a prova o mais rápido possível as informações levantadas no interior da Abissínia. Apenas recuperado em Aden, volta novamente à costa da Somália ao lado de John Speke para iniciar, em 1857, a célebre busca pelas nascentes do Nilo, novamente sob os auspícios da Sociedade Geográfica de Londres. Partindo do porto de Zanzibar, Burton e Speke iniciam a jornada rumo ao interior. Levam na expedição dois meninos da Goa portuguesa, Valentino e Caetano. Iniciam uma jornada que seguramente estará para sempre entre as páginas mais dramáticas da literatura de viagens e das explorações.

Os dois exploradores ultrapassam os limites do humanamente suportável, no que se refere às incessantes adversidades. Doenças constantes, assaltos, rebeliões, perdas, desencontros, acidentes, naufrágios, ataques de leões e crocodilos, de formigas, besouros e abelhas, além de cansaço, sede e fome constantes. As provisões previstas para um ano duram apenas três meses, e a marcha avança numa desesperadora média de 8 km por dia. Speke tem hidrofobia, que o deixa temporariamente cego, e Burton, devido aos 21 ataques de febre causados pela malária, fica com as pernas paralisadas.

(23) Pero de Covilhã foi o primeiro enviado português a percorrer estas paragens, em busca do mítico Preste João, em 1499, aí permanecendo durante décadas até sua morte. Em 1503, Bartema viaja pelo país, a partir do porto de Zeila, que, mais tarde, em 1516, seria queimada pelo comandante Lopes Soares Albergueira. Mais tarde, em 1540, Cristóvão da Gama, filho de Vasco da Gama, ali morre em combate aos reinos muçulmanos. Todas estas aventuras portuguesas inspiraram relatos importantes sobre a região, como os levantamentos ali efetuados em 1622 pelo jesuíta Jerônimo Lobo.

(24) *First Footsteps...*, 1856.

A chegada ao lago Tanganika é comovente, pois um paralítico sobre uma mula conduz por uma corda um cego cambaleante, dependentes inteiramente dos ajudantes nativos. São os primeiros europeus a verem o lago Tanganika. Ou melhor, Burton descreve a imagem para Speke, e mesmo assim com dificuldade pois, ao vencerem exatamente a última colina antes do lago, a mula que o levava desaba no chão, morta de exaustão. Chegam a Ujiji²⁵, às margens do Tanganika em 14 de fevereiro de 1858, após oito meses e 1200 km de percurso. A expedição completa duraria praticamente dois anos.

Influenciado pelas fontes árabes, Burton supõe ser o Tanganika a nascente do Nilo. De canoa, buscam incessantemente, e durante várias semanas, a “saída” do lago que, em tese, poderia levá-los, rio abaixo, até o Cairo. Nunca encontraram tal saída. Desestimulados, Burton cai doente e Speke resolve prosseguir sozinho as explorações da região, até encontrar mais ao norte as margens do Nyanza, ou lago Vitória, como é por ele rebatizado. Passa a acreditar que o “seu” lago era a verdadeira fonte do grande Nilo. Esta divergência de opiniões vai separar, até a morte, os dois exploradores. Entretanto, nunca conseguirão definir com certeza o ponto exato da nascente, e o mistério ainda duraria 30 anos até ser finalmente solucionado.

Apesar da dureza da aventura, o relato produzido por Burton chama a atenção por manter sempre a ênfase nas particularidades culturais e sociais dos povos locais, considerando uma variedade de aspectos como sua genealogia e origens históricas, suas práticas religiosas e suas particularidades psicológicas, lingüísticas e, claro, sexuais. Seu estilo já parece consolidado, e o foco cultural de suas observações contrasta nitidamente das visões exclusivamente naturalistas de seus contemporâneos. “A etnologia da África é de fato o seu aspecto mais interessante, senão o único”, assinala explicitamente.²⁶ Tais descrições sobre a cultura e os costumes dos povos locais, fruto do conhecimento da língua e da observação interessada, apenas viriam a ter paralelos durante as investigações etnológicas contemporâneas.

Depois deste ciclo das explorações promovidas pela *Geographical Society*, já aos 40 anos, Burton se casa e ingressa para o serviço diplomático britânico, o *Foreign Office*. Seu primeiro posto consular para o qual é designado é a ilha de Fernando Pó, seguramente um dos piores e mais insalubres postos do continen-

(25) A mesma Ujiji, onde 20 anos mais tarde, Stanley iria localizar Livingstone, proferindo a famosa frase: “*Dr. Livingstone, I presume...*”; neste século, esta aventura seria romaneada e filmada: “*Burton and Speke*”, é publicado por William Harrison em 1982 e “As montanhas da Lua” é filmado em 1990.

(26) Em *Lake Regions of Central Africa*, 1860.

te. Inicia neste consulado, como mais tarde iria dizer, o longo ciclo de seu "*official banishment*". Para assumir seu cargo em 1861, viaja com um dos vapores da *Africa Steamship Line* entre Liverpool até a pequena ilha equatorial, passando por toda a costa africana e visitando 22 portos.

Descreve detalhadamente a costa entre Saint Louis e Lagos. Visita lugares como a ilha Gorée e seus prédios avermelhados, o rio Gâmbia e Bathurst, o *settlement* francês sobre o rio Casamance²⁷ e os rios da Guiné, Cachéu e Geba. Cortando as águas de chumbo do arquipélago dos Bijagós, o vapor desliza silenciosamente entre as achatadas ilhas, até aportar em Bolama. Ali, outro importante entreposto de amendoim, Burton relembra a trágica epopéia vivida pelo capitão Beaver, ao tentar colonizar a ilha. Passa também por Freetown, Monrovia, Grand Bassan, Cabo Palmas, Forte da Mina, Ouidah, Porto Novo e sobre o Níger até Badagri. Parece querer observar e anotar tudo: depois de apenas um dia e uma noite em Bathurst, escreve um capítulo de quase 70 páginas sobre a região. Seis horas em Cabo Palmas rendem 40 páginas. As observações efetuadas ao longo da viagem pela costa da Guiné resultam num livro de dois volumes, "*Wanderings in West Africa*", publicado em 1863.

Pisa em terra firme africana pela primeira vez em Bathurst²⁸ e circula atento pelos mercados e aldeias, testemunhando cenas imemoriais: os campos de arroz inundados, os anciãos reunidos sempre sob a árvore mais alta, os animados pregões de amendoim nas barrancas do Gâmbia, as canoas que descem o rio carregadas escoando a produção desde o amarelado país dos Mandingas. Mercadores metidos em camisões oferecem com magras mãos as empoeiradas nozes de kola²⁹, sugerindo longos percursos palmilhados por estes *djilas* vindos das profundezas do continente. Aos cheiros da poeira seca já presente no céu daquele setembro e do peixe seco vendido nos mercados, se mistura o perfume do dendê que domina toda esta costa. Lembra ironicamente que é exatamente essa onipresença do óleo de palma que impedirá que estas nações sejam algum dia verdadeiramente compreendidas pelos franceses pois, à exemplo do que acontece na Índia, aqui também exclamam, "meus deus, cem religiões e apenas um molho!" Nessa época, a região já era a grande fornecedora mundial de óleo de palma e seu tráfico, intenso. E nas noites, a sombra de um único gigante aparecia sobre o capim-elefante e os tetos de sapê, o poderoso poilão³⁰. De qualquer forma, para Burton, o desembarque às margens do Gâmbia é emocionante, pois

(27) Hoje, Ziguinchor.

(28) Hoje, Banjul.

(29) Na Bahia, chamada de obi ou orobó.

(30) A árvore *pollum ceiba* ou, dependendo da região, ceiba, imbuzeira ou bentang.

significa o reencontro com o continente, com a "true Africa", pela primeira vez desde os dias de Zanzibar e Harar. "I felt like a return to dulce domum", lembra³¹.

Em Freetown, "a posta-restante do Diabo", observa a eterna ambivalência típica da região: também não sabe definir se este grande *emporium* do oeste africano está já decaído ou ainda apenas em construção. Já na época, Burton descreve a região como uma das mais desoladas do continente, e a mera pronúncia de seu nome era suficiente para causar horror entre os ocidentais, devido à sua grande mortalidade. Mas em meio à malária e à laterita vermelha, onipresentes, nota com interesse o *patois* crioulo ali falado pela elite crioula. O *kriol*, diagnóstica então, com um século de antecipação, não é uma forma deturpada de falar o inglês, um "blackman's English" como se diz, mas uma língua autêntica, dotada de uma gramática completa e original³².

De Serra Leoa, ou melhor, *Sillyown*, "como eu sempre continuarei a chamar, em homenagem a uma linda dama mulata"³³, Burton segue para o país dos escravos americanos libertos, situado na antiga *Grain Coast*, na época já rebatizada de Libéria. Mais ao sul, na Costa do Ouro, dominada pelos poderosos Ashantis e também, alfineta, pela pinga do Brasil, não deixa de anotar aspectos como o tradicional sistema de batismo, segundo o dia da semana e a ordem de nascimento. Por exemplo, o primeiro nome faz referência aos dia de nascimento, como Kwame (sábado) ou Koffi (sexta-feira). O segundo nome, indica a ordem de nascimento, como Tete, para o primeiro filho homem, e Anan, para o quarto.

Já na Costa dos Escravos, terra dos Yorubas, encontra os vestígios e os estragos deixados pelo grande tráfico de homens, ainda em vigor. Nas cidades de Benin, Ouidah e Porto Novo, visita familiares e propriedades dos famosos traficantes brasileiros, como um certo "De Souza" (Francisco Félix de Souza, o célebre Xaxá, morto em 1849) e Domingos José Martins. Nos bairros brasileiros de Porto Novo, nota a onipresença das divindades yorubas, como Xangô, misturadas com uma forte presença do catolicismo. Conhece os descendentes mulatos dos antigos escravos retornados do Brasil, entre eles, um alfaiate que ainda falava o português aprendido na Bahia³⁴. De certa maneira, começava a trilhar uma

(31) Observações descritas em "Wanderings".

(32) A exemplo do que ocorre com o crioulo do português falado entre Bissau, Cachéu e Ziguinchor.

(33) Compreensível, pois afinal, como o próprio atento explorador já havia observado, "as jovens daqui têm a usual *beauté du diable* e se, eventualmente, seus traços não são gregos, suas pernas são!" em: *Wanderings*..

(34) Faz observações detalhadas sobre estas comunidades, sobretudo em "Mission to Gelele", 1864.

percurso que seria concluído um século mais tarde por uma série de estudiosos, entre eles Gilberto Freire, Antônio Olinto e Pierre Verger³⁵.

Nesse seu reencontro com a África, sua capacidade de observação acurada e interessada se volta para várias curiosidades importantes, como as diferenças entre as administrações coloniais francesa e inglesa. “Os ingleses costumam dizer que os franceses são maus colonizadores. Bastaria dar uma olhada na Argélia e no Senegal para se mudar de opinião, mesmo preservando o grande defeito de uma burocracia excessiva, um verdadeiro *over-government*”³⁶. Também observa uma grande similaridade e vários paralelos entre a África do oeste e do leste. Nas suas observações, identifica vários pontos comuns, nos utensílios, traços arquitetônicos, usos e costumes, ritos e artes entre as duas regiões. “Há uma grande similaridade entre as duas costas do continente. De fato, em toda África ao sul do Equador”, observa³⁷.

Demonstra estar atento aos detalhes da cultura africana ao perceber pequenas sutilezas da estrutura da vida social do continente, como a estrutura de poder baseada na idade, o diálogo cotidiano da ancestralidade com o curso da vida nas culturas animistas, ou a sacralização e a propriedade comunitária da terra. “Há duas idéias inatas na mentalidade africana que são aparentemente incompreensíveis para os europeus. A primeira delas é a inalienabilidade da terra”. São todos esses detalhes da africanidade³⁸ que fazem com normalmente estas culturas permaneçam como algo incompreensível para os europeus, pois estes não conseguem deixar de orbitar sua compreensão ao redor de sua própria lógica cultural³⁹. Um discurso que poderia perfeitamente ter sido retirado de um relatório de qualquer agência de cooperação contemporânea.

Também nota, satisfeito, o importante avanço do Islam pela África ocidental. Apenas um pequeno indício dessa expansão era a presença constante do alfabeto árabe utilizado para escrever as línguas locais, o que contribuía, detectava, para que um número crescente de palavras fossem emprestadas daquela língua. Também identifica corretamente o epicentro regional desta expansão, localizado logo ali no Futa Djalon, terra de Fulas. “Na minha sincera opinião, o Islam tem trazido imenso bem para a África”, possibilitando aos africanos dar o primeiro passo na direção do progresso moral, de uma maneira que “nenhuma

(35) E, em outros termos, também por Bruce Chatwin (no romance “O vice-rei de Uidá”) e por Werner Herzog (no filme “Cobra Verde”).

(36) Em *Wanderings...*, 1863.

(37) Idem.

(38) De acordo com a clássica terminologia do prof. Fábio Leite.

(39) Ainda em *Wanderings...*

outra nação, nenhuma outra fé trouxe uma pequena porção, que seja, dos benefícios trazidos pelo Islam para a África". Também para as mulheres, continua, o Islam tem trazido grandes benefícios, pois "em nenhum outro lugar, as mulheres desfrutam de uma posição mais elevada ou de maior liberdade como nas terras do Islam"⁴⁰.

Uma vez empossado em seu consulado africano, Burton passa a circular por todo o golfo, visitando Lagos, Benin, Libreville, o rio dos Camarões, onde vai procurar pelos conhecidos mas jamais vistos gorilas. Juntamente com o *Colonial Office* de Lagos, o consulado de Fernando Pó era o principal posto de acompanhamento sobre a situação do tráfico ilegal de escravos que ainda persistia, mesmo perdendo espaço cada vez mais para o comércio de óleo de palma⁴¹. Em 1863, visita os reinos de Abeokuta e Daomé. Para a corte de Gelele, rei do Daomé, do povo Fon e das temíveis guerreiras amazonas, leva uma embaixada com mensagens e presentes da rainha Vitória. Chega pelo porto de Ouidah e adentra o território, até a capital Abomay, onde tem a oportunidade de presenciar – e tomar notas detalhadas- os festivais típicos do país. Entre os tantos eventos curiosos ocorridos durante a sua longa estada, talvez o mais extraordinário deles tenha sido o convite do rei Gelele para que os visitantes também apresentassem uma dança típica de sua cultura. Burton e sua comitiva não encontram outra solução senão improvisar um *pas de deux* rico em arabescos, embalado pela cantoria de hinos religiosos entoada por um padre que o acompanhava, para delírio da numerosa audiência local⁴².

No mesmo ano de 1863, ainda passa por Luanda, para conhecer o enclave português que, dez anos antes, fora visitado por David Livingstone, ao partir para a sua célebre travessia continental. Bem menos chocado que aquele célebre contemporâneo seu, também não deixa de notar o elevado grau de miscigenação existente na velha cidade portuguesa, ou ainda como os portugueses se casavam formalmente com as mulheres africanas, inclusive reconhecendo seus filhos. Também nota o estado de estagnação daquela colônia, onde os benefícios do comércio não pareciam ser revertidos para melhoria da infraestrutura e desenvolvimento da colônia. O porto de Luanda, protegido de perto pelo promontório da fortaleza, na época já se encontrava assoreado, e os navios eram obrigados a aportar uma milha ao norte da cidade, ainda sob a proteção do braço amigo, a estreita ilha de areia, que envolve a cidade⁴³.

(40) *Wanderings...*

(41) O consulado de Lagos fora extinto naquele ano 1861, com a anexação da cidade à coroa britânica.

(42) *Mission to Gelele*, 1864.

(43) *Idem*.

Um capítulo à parte deve ser dedicado às suas observações sobre a atividade missionária na África. Em Luanda, não perde a oportunidade para deplorar a atividade missionária dos jesuítas, da mesma maneira que fizera sobre os protestantes de Serra Leoa e da Libéria. Achava que, de modo geral, a tentativa de cristianização dos povos africanos servia apenas para transformá-los em populações “moralmente arruinadas pela colisão com os europeus”. Afinal de contas, para este explorador vitoriano tão “relativizador”, tudo não passava igualmente de feitiçaria. Os missionários justificavam seu trabalho recriminando a primitiva magia africana, cheia de dentes, ossos, penas, ervas e encantamentos. E recomendavam, para sanar o problema, outros ossos, relíquias, palmas, medalhinhas e bençãos... Nesse sentido, se divertia em lembrar o embaraço constante vivido pelos missionários no continente ao ouvirem a fatídica e recorrente pergunta: “...esse seu deus de quem você tanto fala, afinal, é branco ou negro?”⁴⁴.

Vai deixar o seu consulado africano em agosto de 1864, chegando logo depois a Londres, com a nítida sensação de estar flertando com o ostracismo. Naquele momento, Speke e Grant eram festejados na cidade ao retornar de uma expedição na qual haviam encontrado uma ligação entre o lago Vitória-Nyanza ao Nilo. Na *Royal Society*, Arminius Vambery acabava de relatar, com grande repercussão, suas viagens até Samarcanda e Bukhara, disfarçado de derviche.

BURTON EM SÃO PAULO

No final do mesmo ano de 1864, Burton é nomeado para o consulado de Santos que, então, já era um porto bastante movimentado, em função do crescimento da produção de café no vale do Paraíba. Com a chegada da esposa Isabel, decide fixar residência serra acima, na pequena e aprazível vila de São Paulo, evitando assim os calores e as malárias do litoral. Sobe a serra com sua mudança, composta por 11 grandes caixas, pela Estrada da Maioridade, o Caminho de Mar, até Paranapiacaba, terminando a penosa viagem com o trem da S. Paulo Railway, chegando numa Estação da Luz ainda em construção.

Em São Paulo, o casal aluga um casarão próximo à praça da Sé, no número 70 da rua do Carmo, nos fundos da Igreja do Carmo onde, por muito tempo, havia funcionado um convento. O casarão, no alto da ladeira, dominando a baixada leste da cidadela, era imenso e agradável, com sete amplos quartos, todos repintados com cal pela própria *lady consul*, e com numerosas janelas abertas sobre as várzeas inundadas do Tamanduateí. O cônsul mantinha um estúdio com onze mesas, cada uma com um manuscrito distinto, como as traduções para o

(44) como lembra sarcasticamente em *Wanderings...*

inglês de "Os Lusíadas", de Camões, do relato de Hans Staden, dos manuscritos em árabe de "Alf Layla wa Layla" (As Mil e Uma Noites), de "O Uruguai" de Basílio da Gama ou ainda do "Iracema" de José de Alencar.

Mesmo sendo a capital da província, São Paulo em 1865 era uma pacata, beata e triste vila colonial. Suas noites eram frias e escuras, cheias de ladeiras enlameadas, e sua gente, arredia e desconfiada. Era uma cidade de tropeiros e mulas onde pouca coisa havia para fazer e talvez, por isso, como nota o cônsul, "...here, men drink cachaça heroically". A vila contava na época com 25 mil habitantes e era, apenas, a décima cidade do país, menor do que cidades como Santos, Niterói, Fortaleza ou Cuiabá. Seria somente em 1867, com a inauguração do trajeto ferroviário completo até Santos, que o trem da "Inglesa" iria mudar definitivamente o destino da cidade, abrindo o contato com o mundo exterior e finalmente inaugurando ali o século 19. A única coisa que despertava a vila de seu sono provinciano eram os 500 estudantes da Academia de Direito do largo S. Francisco, com suas serenatas, boemia e repúblicas.

Um pouco mais de um ano depois de sua chegada a São Paulo, o imperador Pedro II convida o cônsul inglês para visitar Petrópolis, endereço de verão da corte, para poder conhecê-lo e ouvir suas histórias. Burton e o Imperador se encontram várias vezes, conversando durante horas, em virtude do grande interesse de Pedro II pela antigüidade oriental. Este interesse faz com que o convite seja estendido e o casal inglês acompanha a família imperial na sua descida ao Rio de Janeiro, permanecendo na capital mais um mês. A passagem pela Corte é bastante animada, recheada de compromissos sociais e vários encontros com o casal imperial. Burton profere ainda duas conferências públicas, com a presença de Pedro II e do Conde d'Eu. Essa pequena e intensa convivência entre os dois acaba servindo de base para uma duradoura admiração mútua. Já idosos, em 1888, Burton vai até Milão encontrar o Imperador, às vésperas de sua deposição, que se encontrava a caminho da Suíça para repouso médico.

A partir de sua base paulistana, Burton parte para a exploração do sertão brasileiro, visitando a região mineradora ao redor de Ouro Preto e Diamantina. Parte para ao norte de Minas Gerais e desce de canoa todo o curso do rio São Francisco. Dentre os vários aspectos que observa naquele país extremamente promissor, como não se cansa de repetir, é a indelével presença das populações africanas e de suas tradições radicadas no país. Por exemplo, nota em determinado ponto de sua viagem pelo interior que "...o samba e o pagode rugiam na noite, formando um concerto com os elementos. O retinir dos instrumentos, a agudeza das vozes, tudo dava a impressão de uma autêntica cantoria africana, de uma orquestra de Unianguruwe"⁴⁵.

(45) *Viagens aos Planaltos do Brasil*, 1867.

Mais tarde vai a Buenos Aires, sobe rio da Prata até a recém ocupada Assunção, visitando os campos de batalha da Guerra do Paraguai, escrevendo um detalhado informe⁴⁶. Dali, parte para atravessar os Andes, por Upsallata, chegando pela costa do Pacífico até Lima. Volta para Santos, navegando através do Estreito de Magalhães.

Com a saúde abalada por várias malárias e uma resistente hepatite, aos 48 anos, é indicado no ano de 1869 para o consulado britânico em Damasco. Ali permanece por três anos, até ser transferido para Trieste, em 1872, onde permanecerá por 18 anos, até o final de sua vida. Este tempo de maturidade é dedicado basicamente para o estudo e a finalização de suas grandes traduções. Parece querer seguir a receita de Sadi, o persa, apontado por ele mesmo como um dos grandes viajantes de todos os tempos, pois "...estudou os livros por 30 anos, por 30 viajou pelo mundo e, por fim, viveu 30 anos retirado para escrever".

Em Trieste, escreve febrilmente para terminar os seis volumes da tradução de Camões, as obras eróticas "O Jardim Perfumado" e o "Kama Sutra" de Vatsayana, além da monumental tradução de "As Mil e Uma Noites". Esta aposentadoria em Trieste permite que sua condição de maldito fosse momentaneamente deixada de lado, permitindo que ele fosse agraciado pela rainha Vitória com o título de Cavaleiro de S. George, pelos serviços prestados à Inglaterra. Dois anos depois, morre em Trieste, em 20 de outubro de 1890, ouvindo as sinetas de um camelo⁴⁷. É sepultado em Mortlake, Londres, num túmulo em forma de tenda beduína.

AS INÚMERAS MANEIRAS DE SER

Os compêndios, os verbetes e os anais históricos nos mostram Burton como um dos maiores exploradores britânicos da África. E para tanto, sabemos, teve que ser um explorador vitoriano em tempo integral. Divertiu-se como poucos com seu século, partilhando com ele suas taras e seus espaços, aproveitando amplamente, como lembra Swinburne, o fato da estrela da Inglaterra vagar soberana pela noite do mundo⁴⁸.

Mas, para além disso, existem algumas peculiaridades únicas na história deste personagem, que o torna especial frente aos demais exploradores, mis-

(46) *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*, 1870.

(47) Segundo as tradições árabes, a Morte chega montada num camelo com sinetes, som que atormenta os homens.

(48) No verso de sua última homenagem a Burton:

"...he rode Life as a god might ride

(...)while still England stars through the World's night swim".

sionários e aventureiros de sua época. Em primeiro lugar, cultivou um interesse sem paralelos pelos aspectos culturais dos povos africanos. Ou seja, ele *também* foi um interessado observador de cultura, além de explorador, sempre ávido em anotar as sofisticadas e preciosas construções das culturas locais, contribuindo assim para estudá-las e divulgá-las. Foi uma espécie de soldado "*scholar*" que transcendeu o ambiente pesadamente naturalista de sua época. Conseqüentemente, pelo pioneirismo e pela originalidade, suas observações e vários de seus trabalhos se transformaram em fontes primárias únicas para o estudo da história cultural de muitos povos, como nos casos africanos de Daomé ou Harar.

As observações deste ilustrado explorador o transformaram quase num pioneiro dos etnógrafos, num antropólogo *avant la lettre*, pois introduziu um segundo interesse pioneiro, a observação das chamadas *lower classes* indígenas. Sua curiosidade o atraiu para a observação atenta de rituais, crenças e religiosidade, envolvendo aspectos tão variados como superstições, circuncisão, amamentação, sexualidade, divórcio, adultério, morte, encantamento de serpentes, afrodisíacos ou drogas, referentes a populações até então invisíveis para os olhos do Ocidente.

Para tanto, foi obrigado a exercitar com profundidade, e também de maneira inédita, um terceiro desafio: a relativização cultural. Como assinalava claramente, "a consciência é um acidente geográfico e cronológico", duvidando assim da superioridade de sua própria cultura e, por conseguinte, da legitimidade da "missão civilizadora" na qual a Europa estava imbuída naquele momento. Condenava pesadamente a pompa, a arrogância e o pedantismo destas pretensões ocidentais, sentenciando-as ao inevitável fracasso, providenciado por uma sempre vigilante Nêmesis⁴⁹. Foi um dos precursores do moderno discurso sobre a diversidade cultural.

Essa postura se refletia concretamente no interesse e na curiosidade com que abordava os diferentes povos que conhecia, com o respeito litúrgico de quem se depara com toda uma Civilização, com uma revelação, antevendo novos Shakespeares, novas cosmologias, metafísicas inteiras a serem descortinadas. E se reconhecia o Outro, desconhecia o Eu: ao mesmo tempo em que tratava as outras culturas como Civilizações, questionava os projetos e as retóricas civilizacionais de sua própria cultura e até, não raro, da sua própria identidade. Certa vez escreveu, "a Inglaterra é o único país no mundo no qual eu nunca me sinto em casa", parecendo confirmar o preceito de que os verdadeiros viajantes são aqueles que correm o sério risco de ficar e não voltar mais para casa, o risco da perda do Eu. Como dizia Blaise Cendrars, "*si je me déplace sans raison, c'est pour perdre pied*".

(49) Como faz em *First Footsteps...*

Mas, por outro lado, e talvez por isso mesmo, todo esse desprendimento cultural praticado por um “agente do imperialismo”, garantiu para Burton, em vida, uma posição de total *outsider* na cultura britânica, uma posição de maldito. Ao mesmo tempo em que o missionário Livingstone era o homem mais reverenciado da sua época, Burton chocava a sociedade vitoriana com a publicação de suas narrativas, opiniões e traduções. Raramente advogou uma compreensão piedosa, uma simpatia humanitária pelas populações colonizadas. Expôs *de facto* a diversidade cultural, foi o vetor desta confrontação, para espanto e desconforto da sociedade vitoriana. “*It is hard to an outsider to realise how perfect is the monopoly of commonplace*”, filosofava resignado.

A polêmica também prossegue este personagem na posteridade. Sua complexidade foi relida e reinterpretada em função das preocupações e das demandas de cada momento, como acontece, aliás, com todos personagens históricos. O passado muda de acordo com os olhos do presente, ou como lembra Walter Benjamin em célebre imagem, é sempre possível “pentear” os fatos do passado como bem entendemos.

E, definitivamente, Richard Burton foi uma fonte inesgotável para muitas releituras pois, quanto mais multifacetados são os personagens em questão, menos consensuais serão as releituras posteriores. Refletiu diferentes olhares ao longo dos tempos⁵⁰, refletiu o que cada um projetou sobre a sua face. Isto permitiu que ora fosse visto como protótipo do imperialista vitoriano, ora como precursor do estereótipo do viajante sensível, aquele que convive com os nativos falando na língua deles, comendo nas suas mesas, orando para os seus deuses e adorando as musas nativas.

O verdadeiro Burton? “Basta de pensar que possa existir a verdade”, o próprio Burton nos desencoraja. “Sentemo-nos ali, onde as rosas resplandecem, (...) para ouvir os sussurros do vento do deserto e o tilintar da campana do camelo”⁵¹, Mesmo porque, talvez ele esteja ainda mais inacessível para nós do que nossa época permita imaginar. Pois enfim, entre maldito e idealizado, entre as inúmeras maneiras de ser, Burton foi mesmo, e sobretudo, um viajante e um aventureiro. A definição não é banal, pois justamente se trata de uma condição irrepetível. Era um viajante num tempo em que as viagens ainda eram possíveis e aventureiro num tempo em que as aventuras coletivas ainda existiam.

Parece ser difícil entrever um Burton desde nossa época utilizando os olhos de nosso tempo. Burton era um viajante numa era de viagens possíveis, e nossos olhos, para além de seus interesses e simpatias de ocasião, são olhos de

(50) Como bem reconstrói Garret, 1997.

(51) Em *Kasida...*

uma época na qual as viagens foram domesticadas e substituídas pelo turismo, na qual a cultura foi transformada em folclore e artesanato, os encontros foram pacificados e esvaziados de diversidade. Assim, as viagens foram expurgadas de seu lado de fábula e, com isso, também do interesse pelos narradores e suas narrativas. A sociedade de mercado transformou as viagens em turismo, a continuação do sedentarismo por outros meios, e os viajantes em clientes. Os viajantes, assim, como os dinossauros, foram extintos.

Além disso, Burton pode parecer inacessível aos nossos olhos se esquecermos que ele é um personagem de uma aventura coletiva, a conquista, do mesmo estilo apenas das guerras e das revoluções⁵². Esse fato o torna indissociável dos destinos de seu tempo, ou seja, o torna heróico. Todo o século parece estar em alguns destinos, e não o contrário, e no caso de Burton, sua vida parecia tocar todas as experiências daquela era, como um Fausto realizado de um tempo heróico.

Aliás, era por isso precisamente que Claude Lévi-Strauss dizia odiar os viajantes contemporâneos e seus relatos: pelas promessas vazias. Exatamente por continuarem a pintar um mundo cheio de diversidade com cores idílicas quando idílios não mais existem, depois que uma “civilização proliferante e superexcitada perturbou para sempre o silêncio dos mares, o perfume dos trópicos e o frescor dos seres”⁵³. Mas mesmo assim a demanda por relatos de viagens continua a existir, justamente por querer atender a uma súplica de nossa sociedade, oferecendo um tempero exótico, uma pitada de diversidade cultural, que a impeça de sentir-se afundando no tédio⁵⁴.

Assim sendo, quanto mais distante estivermos destes tempos heróicos, quanto mais distintas as realidades históricas, menos aptos estaremos para perceber a riqueza das experiências então vividas e, ao mesmo tempo, mais propensos a simplificar seus personagens. Talvez por isso Burton esteja mais inacessível para nós do que pensamos. Mas não só ele, pois, uma vez personagem heróico, síntese de uma época, talvez até toda a riqueza dos encontros, talvez a própria possibilidade de vivenciar aventuras de um modo geral esteja, também, inacessível para nossa contemporânea compreensão. Esperemos que não. Mesmo que nossa época pareça determinada a anular os encontros posto que determinada a anular a diversidade.

Burton foi o navegante de um século de encontros, onde a essência da época parecia ser o movimento. Segundo ainda suas palavras, naquele tempo,

(52) Na comparação de Bruckner e Finkielkraut.

(53) Em *Tristes Trópicos*.

(54) Idem.

"when men hurry about the Earth", parecia improvável à natureza dos homens permanecer imóveis, pois eles, "the children of Time, like their sire, cannot stand still"⁵⁵.

E assim eram justamente esses tempos "burtonianos" de aventuras e viagens, um destes grandes momentos de encontro e de redimensionamento vividos pelo Ocidente, de conhecimento do Outro e de estranhamento do Eu, autênticas revelações modernas. Parece ter navegado na mesma onda que levou Marco Polo a Samarcanda, Colombo a Cuba e Vasco da Gama a Goa.

Eram exatamente estas aventuras de encontro com a diversidade que possibilitavam ao herói vitoriano e a sua época perceber o quanto não sabia, o quanto de novo existia, para, só assim, perceber o que havia ainda para conhecer. É exatamente isso que Burton sintetiza num poema da maturidade:

*Emprende ya tu camino con la frente serena,
no temas narrar tu humilde historia:
lo cierto es que no sabe cómo puede saber
quien no sabe tampoco cómo puede ignorar⁵⁶.*

O homem que entendia como ninguém os estranhos de outras latitudes, talvez estivesse em busca do estrangeiro dentro de si mesmo, em busca do novo. Talvez não seja por acaso que hoje, para buscas e encontros semelhantes, necessitemos de profissionais especializados, psicólogos antropólogos.

Mas quem sabe o próprio Burton venha a nos ajudar um pouco, nestes tempos de aventuras coletivas distantes e de diversidades pradonizadas. Tempo onde as novas epopéias podem ser apenas individuais, quase íntimas, praticamente secretas, totalmente banais. Tempo onde as novas explorações têm como desafio desbravar as periferias do mundo globalizado, passando pelas feiras informais e bizarros subúrbios, tempo onde os novos descobrimentos fazem o inventário de ruínas mecânicas e imobiliárias, enquanto as novas expedições cruzam "favelas doentias que rondam as florestas"⁵⁷. Pois continuamos encontrando Burton pelas mais incongruentes esquinas, e repetimos encontros heróicos, só que agora entre ambulantes e latões, em Bolama, Luanda ou Freetown, em Bom Jesus da Lapa, Malta ou Varanasi. Ou talvez, na Praça da Sé. E assim, por

(55) Em *First Footsteps...*

(56) *Kasida*, na tradução de Jorge Luís Borges. Também como assinala Lévi-Strauss, o encontro com a diversidade cultural, propiciado pelos descobrimentos geográficos, assumido sempre como um choque e uma revelação pela cultura Ocidental, foi o momento crucial do pensamento moderno. (Tristes Trópicos)

(57) LÉVI-STRAUSS, *Tristes Trópicos*.

um breve momento, revivemos a aventura de “conter a humanidade inteira dentro de mim”. Se não realizado, um Fausto possível.

BIBLIOGRAFIA DE R. F. BURTON SOBRE A ÁFRICA:

Além de seus clássicos livros sobre a peregrinação a Mecca e Medina (1855) e pelos planaltos do Brasil (1869), sobre a guerra do Paraguay (1870), sobre o cativo de Hans Staden no Brasil (1871), a tradução dos Lusíadas (1880), do Kama Sutra (1883), As mil e uma noites (1885), Iracema, de J. de Alencar (1886) e obras de Príapo e de Catulo e erótica oriental, sobre a África, Burton escreveu 11 livros, em 18 volumes:

First footsteps in East Africa, or, an exploration of Harar. Londres, 1856.

The lake regions of Central Africa. (2 vols.). Londres, 1860.

Abeokuta and the Cameroons Mountains. An Exploration. (2 vols.) Londres, 1863.

Wanderings in West Africa, From Liverpool to Fernando Po. (2 vols.). Londres, 1863.

A mission to Gelele, King of Dahome. (2 vols.). Londres, 1864.

The Nile basin: showing Tanganyika to be Ptolemy's Western Lake Reservoir. (tese apresentada diante da Royal Geographic Society). Londres, 14 de novembro de 1864.

Wit and wisdom from West Africa. A Book of Proverbial Philosophy, Idioms, Enigmas, and Laconisms. Compilação de Richard F. Burton. Londres, 1865.

Zanzibar: City, Island, and Coast. (2 vols.). Londres, 1872.

The lands of Cazembe. Lacerda's Journey to Cazembe in 1798. (tradução anotada de Richard F. Burton). Londres, 1873.

Two trips to Gorilla Land and the cataracts of the Congo. (2 vols.). Londres, 1876.

To the gold Coast for Gold. (2 vols.). Londres, 1883.

OUTRAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Manuel. *Guia de Ouro Preto.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

BORGES, Jorge Luís. *História de la eternidad.* 12ª. ed. Madrid: Alianza, 1997.

BRANTLINGER, Patrick. *Rule of darkness: British Literature and Imperialism, 1830-1914,* 1985.

BRODIE, Fawn. *The devil drives.* Londres: Eland, 1986 [1967].

BURTON, Richard F. *First footsteps in East Africa.* Londres: Tylston and Edwards, 1894. Re-impressão Time-Life 1983.

BURTON, Richard F. *Wanderings in West Africa.* N.York: Dover, 1991.

PADOVANI, Fernando. *Burton na África*

- BURTON, Richard F. *Viagens aos planaltos do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1983.
- BRUCKNER, P. e FINKIELKRAUT, A. *Au coin de la rue, l'Aventure*. Paris: Editions du Seuil, 1979.
- FARWELL, Byron. *Burton*. Londres: Penguin Books, 1990. [1963].
- GALTON, Francis. *The art of travel*. Phoenix Press, 2001 [1872].
- GARRETT, Greg. Relocating Burton: public and private writings on África. *Journal of African Travel-Writing*, n. 2 , março de 1997.
- HIBBERT, Christopher. *Africa explored: Europeans in the dark continent*. Londres: Allen Lane, 1982.
- HUGON, Anne. *Vers Tombouctou: l'Afrique des explorateurs*. Paris: Gallimard, 1994.
- KENNEDY, Paul. *Ascensão e queda das grandes potências*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- LÉVIS-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Lisboa: Edições Setenta, 1986. [1955].
- MAZRUI, Ali. European exploration and Africa's self-discovery. *Journal of Modern African Studies* , vol.7, no.4, Cambridge Univ. Press, dez. 1969.
- PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: travel writing and transculturation*. Londres: Routledge, 1992.
- RICE, Edward. *Captain Sir Richard Francis Burton*. New York: Scribners, 1990.
- SAID, Edward. *Culture and imperialism*. New York: Vintage, 1994.
- SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ABSTRAC: Richard Francis Burton (1821-1890), was one of the greatest British explorer in Africa, and a also one of the most controversial. Working for the *East India Company*, the *Royal Geographical Society* and the British *Foreign Office*, he was always in the front line of the colonial expansion, in India and Africa, wandering in Abssinia, Tanganyka, Dahomey, Gulf of Guinea, and even in Congo and Luanda. But differently of other explorers at his time, he had a very special approach: he produced extense writings on cultural subjects concerning the local population. Translator and poet, he left a pioneer work in criticizing his own culture, what made of him an authentic outsider at his time. Ever since, he has been read in oppsite ways, as a full time imperialist or as a sensitive traveler. Among other factors, these different views about Burton may be sign that our age is not anymore able to live auhtentic travels and collective adventures.

Keywords: Richard Francis Burton; Travelers; British exploiters; Africa